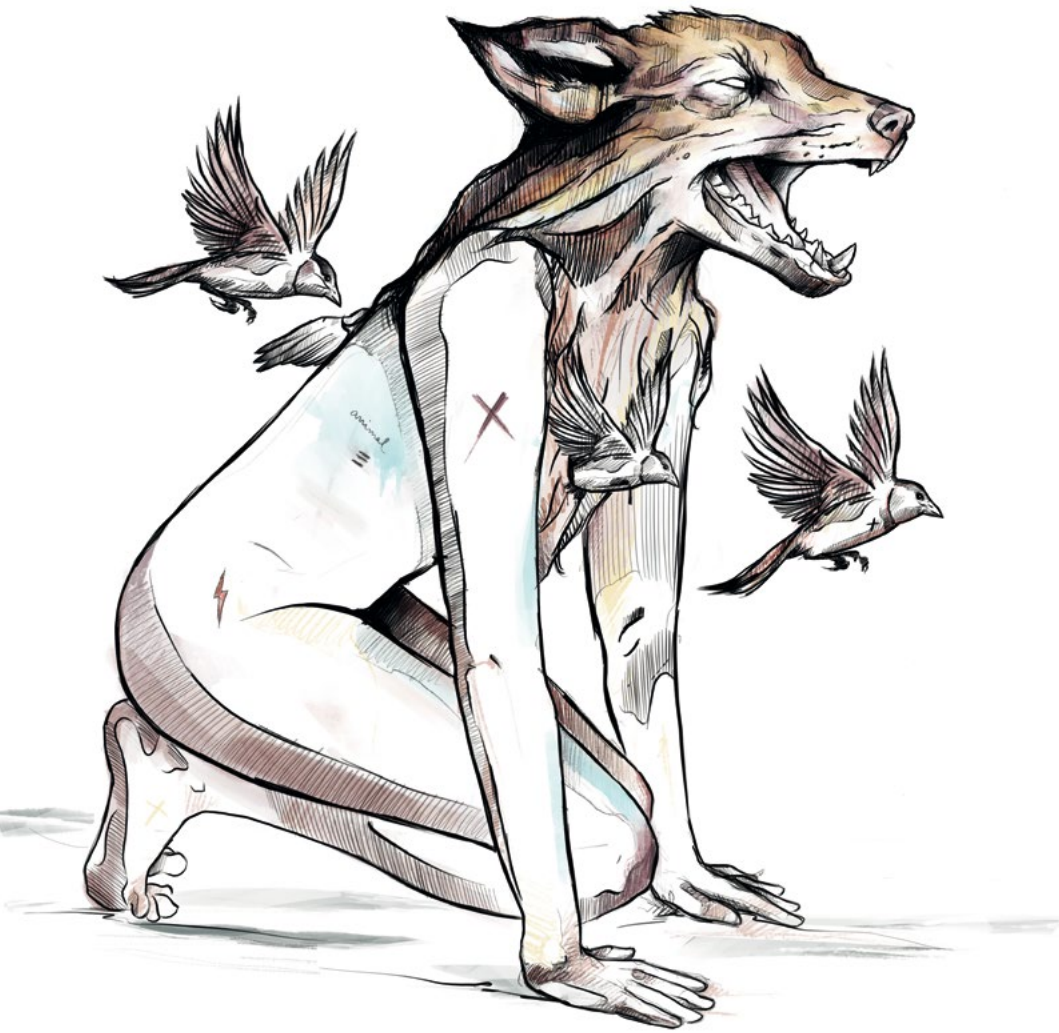
39.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

04 a 18 de Julho de 2022



TEXTOS: **RUI LAGARTINHO**
DESIGN GRÁFICO: **JOÃO GASPAR**
IMAGEM DA CAPA: **TAMARA ALVES**
APOIO À EDIÇÃO: **MIGUEL MARTINS**
PUBLICIDADE: **SUSANA FERNANDES** E **MARCO TRINDADE**

IMPRESSÃO: LISGRÁFICA
Distribuição gratuita

Os conteúdos publicados no presente dossiê são da responsabilidade exclusiva do Departamento Comercial da Impresa Publishing, sendo editorialmente autónomos dos cadernos principais do jornal Expresso

Índice

04 Um dom para o futuro · Por Inês de Medeiros
05 Entrar para fora · Por Rodrigo Francisco
07 Castanheira, o poeta cenógrafo e as suas construções · Por Helena Simões

ESPECTÁCULOS

11 Aucune idée
13 Noite de Reis
15 Se eu fosse Nina
17 Smashed2
19 Museo Pasolini
21 Eu sou a minha própria mulher
23 Em casa, no zoo
25 Renacimiento
27 Selvagem
29 Miguel de Molina al desnudo
31 Taco a taco
33 Mailles

34 PLANILHA

37 Tierras del Sud
39 ödipus
41 Sonho
43 Falaise
45 Fado dans les veines
47 I was sitting on my patio this guy appeared I thougth I was hallucinating
49 Hands do not touch your precious Me
51 Hokuspokus

52 MÚSICA NA ESPLANADA

ACTOS COMPLEMENTARES

58 Homenagem a José Manuel Castanheira
O meu nome é cenografia e *A nudez do cenógrafo e a perplexidade do espectador*
59 Exposição fotográfica
Alter Orbis
60 O sentido dos mestres (curso de formação)
Um lugar para transformar o tempo
61 Lançamento de livros de cenografia
Castanheira – Cenografias e *As asas do inventor*
62 Encontros da Cerca
Que pode o teatro face ao crescimento das extremas-direitas?
63 Colóquios na Esplanada

INFORMAÇÕES

66 Assinaturas • Bilhetes avulsos • Contactos e moradas

Um dom para o futuro

Vivemos em tempos dúbios, estranhos. Assistimos, perplexos, a uma guerra bárbara e selvagem na Ucrânia, que abala a Europa, e que nos faz valorizar, ainda mais, o importante papel da Cultura na nossa Sociedade. Nestes dias mais sombrios, procuramos a força que nos devolva a todas e a todos a esperança no futuro. O Teatro é e será sempre sinónimo de liberdade e de partilha. A liberdade de expressão. A partilha de ideias, de valores, de sentimentos e de revoluções.

Torna-se, assim, essencial cumprir o desígnio da Cultura. O Teatro é o espaço da criatividade, da reflexão, da promoção do diálogo. É um lugar aberto, onde não existem fronteiras. Ao longo dos anos, não é possível pensar em Almada sem pensar no Teatro. Este nosso território de muitos é um espaço onde a fruição e a produção das artes dramatúrgicas se confundem, onde momentos de diálogo e empatia surgem entre artistas, espectadores, colectivos, companhias e festivais. E nenhum momento celebra de forma tão intensa esta capacidade colectiva para experienciar o sensível como o Festival de Teatro de Almada, que, ao longo de mais de três décadas, tem cultivado um público fiel e apaixonado, apresentando, pela mão da Companhia de Teatro de Almada, produções de elevada qualidade e inegável pertinência.

O 39.º Festival de Almada mostra-se, mais uma vez, capaz de honrar as edições que o precederam. Em cena estarão 20 espetáculos, que ligam nove países e dois continentes que trazem até ao nosso município nomes consagrados como Robert Wilson, Thomas Ostermeier, Baro d'evel ou Wim Vandekeybus, bem como novos e emergentes talentos. Este ano homenageamos José Manuel Castanheira – cenógrafo, arquitecto e pintor, um homem das Artes e que tanto tem dado ao país e em especial ao nosso Festival Internacional de Almada.

Albert Camus, nome incontornável da Literatura, do Teatro e da Filosofia, tem uma frase tão simples quanto certeira que agora me surge ao pensar nos dias que vivemos: "Sem a Cultura e a liberdade relativa que ela pressupõe, a Sociedade, por mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É, por isso, que toda a criação autêntica é um dom para o futuro". Nunca será demais recordar o quanto a Cultura é essencial para a construção de um mundo mais justo, mais atento e mais aberto.

Inês de Medeiros
Presidente da Câmara Municipal de Almada

Entrar para fora

Ai, quem não conhece a Esplanada da Escola D. António da Costa durante o mês de Julho não saberá nunca o que é a doçura da arte.
Jorge Silva Melo (1948-2022)

O Festival de Almada inscreve-se na tradição dos festivais de teatro europeus surgidos após a II Guerra Mundial, num continente que se debatia com a premência de que nada do que acontecera nesse conflito pudesse repetir-se. Acreditou-se, na segunda metade dessa década de 40, que a arte, e em particular o teatro, poderia constituir a argamassa que unificasse num território comum os distintos mosaicos das variadíssimas culturas europeias. Quando logo em 1948, na segunda edição do Festival d'Avignon, Jean Vilar escolhe montar *A morte de Danton*, de Georg Büchner, dá um passo fundacional para o restabelecimento das relações entre dois países que ainda três anos antes se enfrentavam pelas armas: quando as palavras do dramaturgo alemão ressoaram na Corte de Honra do Palácio dos Papas, comprovou-se que o teatro poderia de algum modo sarar as feridas que os líderes políticos haviam aberto.

Manda a tradição que estas festas estivais de teatro aconteçam ao ar-livre, que é onde esta nossa arte nasceu há mais de 2.500 anos, na bacia do Mediterrâneo. No Verão, após as temporadas dentro de portas, o teatro ganha o céu aberto e a lua, a sensualidade da noite, o guincho apagado de uma gaivota. Foi assim em 1984, quando Joaquim Benite imaginou uma primeira Semana de Teatro Amador no centro histórico de Almada. E oito anos depois o Festival instalou-se na Escola D. António da Costa, de onde nunca mais saiu. Só nas duas últimas edições não pudemos ter, pelas razões que todos conhecemos, o Palco Grande. Mas em 2020 prometemos que haveríamos de regressar ao ar-livre assim que fosse possível — e este ano lá estaremos.

Nesta 39.ª edição retomamos as datas habituais e a preponderância internacional do Festival, apoiada pelos teatros de Lisboa nossos parceiros e pelas embaixadas dos países que há tanto nos acompanham. Para além dos encontros com os criadores, das exposições, da formação artística — que nunca deixámos de realizar nos dois últimos anos —, festejamos o regresso à Esplanada da Escola D. António da Costa com concertos todos os dias, ao início da noite. À margem dos espectáculos, de novo a música e os sabores, a conversa e a reflexão. O encontro e o espanto. A Festa. No fundo, aquilo que nos tem distinguido, e que ficou docemente registado na memória de todos nós — e na dos que já não estão entre nós.

Rodrigo Francisco
Director Artístico do Festival de Almada

© RUI CARLOS MATEUS

Castanheira, o poeta cenógrafo e as suas construções

O Festival de Almada decidiu homenagear, nesta 39.ª edição, o conceituado e premiado arquiteto, cenógrafo e pintor José Manuel Castanheira. É feliz a ocasião para celebrar o amor pelo teatro que preside à conceção das suas cenografias dramatúrgicas, no gesto poético com que reescreve o texto, onde imprime as marcas de sua inventividade pictórica e arquitetónica.

Os espetadores de Almada conhecem bem a marca estilística dos seus trabalhos cenográficos, de eficácia funcional e metafísica, a conceber espaços a habitar pelos atores, dramaturgos e espetadores, onde a arquitetura e a pintura convivem de forma harmoniosa e produzem novos sentidos na polifonia do espetáculo.

A sua prática cenográfica é extensível à conceção de espaços expositivos museológicos, à docência de formação arquitetónica e cenográfica, à criação de livros e catálogos, objetos artísticos cujo centro é o teatro. Prova desse labor imaginativo, persistente e plurivalente são as exposições que tem realizado neste Festival e, a que apresenta nesta edição, uma exposição a percorrer os inúmeros campos de atuação a que tem dedicado a vida: cenografia, desenho, pintura, pedagogia, livros e artigos, *design* gráfico, arquitetura teatral, arquitetura efémera, instalação, vídeo. Vasos comunicantes do seu saber estético e teatral, de natureza multíplice e do desejo de compartilhar o seu pensamento singular e apaixonado pelo mundo e suas representações.

As cenografias de Castanheira surgem clara e consistentemente qualificadas para transcodificar o enunciado dramático; ao refletirem a leitura do texto e a adequação à prova do palco, inventam um espaço de jogo habitável, o lugar da enunciação onde os atores evoluem e criam o contexto exato para a encenação. Impõem-se pela eficácia estrutural, dramatúrgica e plástica, a ocupar em harmonia o lugar consonante na polifonia do espetáculo.

A sua obra derrama-se em muitos espaços e textos, cidades e países, numa atividade multifacetada que inclui também o bailado, o cinema e a ópera, pelo que não é fácil elencar todos os trabalhos deste cenógrafo de exceção, que nasceu em Castelo Branco, em 1952, e que se mantém fiel às suas origens, lugares e afetos.

Convém, no entanto, referir que realizou mais de 300 cenografias em 16 países, colaborando com mais de uma centena de encenadores, realizadores ou coreógrafos, a conferir-lhe o lugar de destaque na história da cenografia (e do teatro), nacional e internacionalmente consagrado, sobretudo após o Centro Georges Pompidou (Paris) lhe dedicar uma exposição retrospetiva em 1993.

Recebeu prémios, nomeações e distinções nacionais e internacionais. É membro da Real Academia de Belas Artes de Cádis e da Academia de Artes Cénicas de Espanha. Foi um dos fundadores da Associação Portuguesa de Cenografia e coordenador para a Europa do projeto TELA (Teatros da América Latina).

Na Cenografia de Exposições concebeu uma máquina cenográfica para a Expo98 (o *Voo da Cegonha*, que ofereceu depois à sua cidade natal) e diversos dispositivos para o Pavilhão de Portugal na *Expolangues*-Paris, Museu Gulbenkian-Lisboa, Alfândega-Porto, Pavilhão de Portugal na Expo98, ARCO-Madrid, MUDE-Lisboa, Museu da Cidade de Almada e várias instalações no Teatro Municipal Joaquim Benite e no Festival de Almada.

Na Arquitetura Teatral foi consultor de vários projetos, como o Auditório da Culturgest/CGD, fez o projeto de reabilitação do Teatro Gregório Mascarenhas (Silves) e coordena o projeto de reabilitação do Cine-Teatro Gardunha (Fundão).

Helena Simões
Crítica de teatro no *Jornal de Letras*

espectáculos

© JULIE MASSON

Théâtre Vidy-Lausanne (Lausana, Suíça)
Co-produção: Festival d'Automne Théâtre de la Ville, Paris; Temporada Alta, Festival international de Catalunya Giron/Salt; TANDEM Scène nationale; Fondazione Campania dei Festival, Campania Teatro Festival; Maillon, Théâtre de Strasbourg, scène européenne; Théâtre National de Nice; CDN Nice Côte d'Azur; Le Manège, scène nationale-Maubeuge

Aucune Idée

Nenhuma ideia

Concepção e encenação de **Christoph Marthaler**

Interpretação
Graham F. Valentine
Martim Zeller

Dramaturgia
Malte Ubenauf

Cenografia
Dury Bischoff

Música
Martin Zeller

Figurinos
Sara Kittelmann

Assistente de encenação
Camille Logoz

Som
Charlotte Constant

Luz
Jean-Luc Mutrux

Director de palco
Stéphane Sagon

Guarda-roupa
Cécile Delanoë

Construção do cenário e adereços
Théatre Vidy-Lausanne

—

Língua
Francês
Legendado em português

Duração
1h20m

Classificação
M/12

Christoph Marthaler, renovador modesto (mas radical) do teatro musical, amante dos prazeres da vida e dos rituais familiares, dedica este espectáculo ao seu cúmplice de longa data, Graham F. Valentine, um excepcional actor e cantor escocês, de cabelos ruivos despenteados, corpo desinquieto, moldável e desdobrável, camaleónico. Trata-se de uma amizade criativa que dura desde a juventude, e que é feita de música, muitos espectáculos, muitas piadas e um certo gosto pela irreverência elegante. *Aucune idée* junta-os de novo, desta vez acompanhados pelo intérprete de viola de gamba e violoncelista Martin Zeller. Sozinhos em cena durante oitenta minutos, músico e actor são protagonistas de uma sonata íntima, executada no *hall* de entrada de um condomínio, uma espécie de não-lugar, de toque-e-fuga sem fronteiras muito bem definidas. Entre o irrisório e o absurdo, os ecos do mundo exterior chegam-nos sob a forma de protesto, ou de enigma. Bach mistura-se com os genéricos dos programas televisivos, num de muitos encontros improváveis.

Esta é a quarta vez que o encenador suíço (e oboísta de formação) **Christoph Marthaler** se apresenta no Festival. E depois de *King size*, em 2015, volta este ano a abrir o certame, no Palco Grande. Em 2012 já assistíramos ao enigmático *+-0*, no Centro Cultural de Belém, ao passo que em 2017, no Teatro Municipal Joaquim Benite, *Une île flottante* foi considerado o melhor espectáculo do ano pelo jornal *Expresso*.

EN What is the connection between the Swiss director Christoph Marthaler and the Scottish actor Graham F. Valentine? A student's complicity, music, the sharing of countless performances and jokes, and, no doubt, a pronounced taste for elegant irreverence. Here they are together again, joined by the viola da gamba player and cellist Martin Zeller. *Aucune idée* is a tribute to the friendship between two normal guys, with lots of subtle silences. Sometimes in theatre it is through the gaps that life creeps in.

ALMADA
Escola D. António da Costa
Palco Grande

SEG 4
22:00

© RUI CARLOS MATEUS

Companhia de Teatro de Almada

ESTREIA

Noite de Reis

Texto de **William Shakespeare**
Encenação de **Peter Kleinert**

Tradução
António M. Feijó

Interpretação
André Pardal
Ariel Rodriguez
Binete Undonque
Carolina Dominguez
Diogo Bach
Erica Rodrigues
Ivo Marçal
João Cabral
João Farraia
Leonor Alecrim
Pedro Walter

Cenografia
Céline Demars

Figurinos
Ana Paula Rocha

Luz
Guilherme Frazão

Música
Ariel Rodriguez

Voz e elocução
Luís Madureira

—

Língua
Português

Duração
2h00m (previsão)
c/ intervalo

Classificação
M/12

Nesta peça assistimos à história de Viola, que chega a uma terra chamada Ilíria na sequência de um naufrágio no qual julgara ter-se afogado o seu irmão, Sebastião. Para evitar os perigos de se apresentar como mulher numa terra estranha, decide disfarçar-se de homem, e passa a ser Cesário, um criado logo contratado pelo Conde Orsino. A sua tarefa consistirá daí em diante em ser portador das apaixonadas mensagens do Conde para a princesa Olívia, que no entanto não lhe retribui os sentimentos amorosos. Só que a princesa Olívia, ao mesmo tempo que recusa o amor do Conde, acaba por apaixonar-se pelo mensageiro, ou seja, por Viola disfarçada de Cesário. Na verdade, Viola/Cesário — que entretanto também se apaixonara pelo seu patrão — acaba por ficar em muito maus lençóis. Mas esta é apenas uma pequena parte da grande confusão que se instala quando finalmente aparece o irmão gémeo de Viola, Sebastião, que afinal não se afogara no naufrágio do início da história. O maravilhoso jogo shakespeareano, que se desenvolve em torno da ideia de identidade, resulta numa comédia insana e violenta, cheia de graça mas também melancólica. Nesta peça está-se constantemente a brincar com os tipos-sociais e a identidade de género. É uma verdadeira comédia — caótica, utópica, à moda antiga.

Peter Kleinert, encenador e dramaturgista alemão, trabalhou nas décadas de 70 e 80 com Peter Schroth. Em 1982 ambos dirigiram *A excepção e a regra*, de Brecht, para a CTA. Após a reunificação de Alemanha, tornou-se professor na renomada Academia de Teatro Ernest Busch, dirigindo habitualmente espectáculos na Schaubühne de Berlim. Como encenador, trabalhou em Sidney, Pitsburgh, Glasgow, Lyon e Salzburgo. Em 2018 regressou a Almada para dirigir *A boa alma de Sé-Chuão*.

— —

EN *Twelfth Night, or What You Will* is a romantic comedy by William Shakespeare, believed to have been written around 1601-1602. The play centres on the twins Viola and Sebastian, who are separated in a shipwreck. Viola (who is disguised as Cesario) falls in love with the Duke Orsino, who in turn is in love with Countess Olivia. Upon meeting Viola, Countess Olivia falls in love with her, thinking she is a man. The first recorded public performance of this comedy was on 1602, and the play was not published until 1623.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

TER 5	**QUA 6**
21:30	21:30

© ESTELLE VALENTE / TEATRO SÃO LUIZ

Close2Paradise (Lisboa)

Se eu fosse Nina

Texto e encenação de **Rita Calçada Bastos**

Interpretação
Carla Maciel

Desenho de luz
Paulo Santos

Cenografia e figurinos
Rute Osório de Castro

Música e espaço sonoro
Hugo Neves Reis

Produção executiva e vídeo
Raul Ribeiro

—

Língua
Português

Duração
1h00m

Classificação
M/12

Vivemos num mundo em torno de duplicidades e mentiras ardilosas. Perante elas por vezes ficamos demasiado fracos. É assim.
In *Se eu fosse Nina*

Através de um trabalho de escrita e dramaturgia, **Rita Calçada Bastos** estabelece um diálogo de suposições e conjecturas entre uma Nina roubada aos textos *A gaivota*, de Anton Tchecov, e à sua própria biografia: "O que teria acontecido a Nina, se não tivesse ido viver para Moscovo, para um quarto de hotel, entregue aos delírios da paixão por Trigorin? De que forma as nossas escolhas influenciam o lugar onde estamos?", interroga-se a criadora. *Se eu fosse Nina* reflecte, através de um exercício a solo, acerca do limite entre a ficção teatral e a realidade, o universo de escolhas e a sua consequência práctica, e as próprias camadas de representação: uma ode à resistência. Uma personagem presa dentro de um teatro e uma actriz que a quer salvar. Tudo em frente a um espelho demasiado turvo, que não nos devolve uma imagem límpida.

Como revelou a autora e encenadora numa entrevista ao jornal *Público*, em Março de 2021, a propósito da estreia deste projecto na sala virtual do Teatro Municipal São Luiz, esta é uma personagem que existe também no meio de um nevoeiro e de uma indefinição existencial: "Essa ideia de nevoeiro e de confusão moveu-me muito na escrita, através desta necessidade de encontrar várias vozes para tentar salvar esta personagem, esta actriz, esta autora".

EN Through a work of writing and dramaturgy, Rita Calçada Bastos establishes a dialogue of assumptions and conjectures between a Nina stolen to the texts *The Seagull*, by Anton Chekhov. *If I were Nina* reflects, through a solo exercise, about the boundary between theatrical fiction and reality, the universe of choices and its practical consequences, and the very layers of representation. We meet a character who is trapped in the theatre and an actress who wants to save her.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Experimental

TER 5	QUI 7	SÁB 9	SEG 11	QUA 13	DOM 17
21:30	21:30	16:00	21:30	21:30	18:00

© CAMILLE GREENWELL

Gandini Jugglling (Londres, Inglaterra)

Smashed2

Esmagado2

De **Sean Gandini** e **Kati Ylä-Hokkala**

Interpretação
Kati Ylä-Hokkala
Luke Hallgarden
Yu-Hsien Wu
Dulce Duca
Cecilia Zucchetti
Val Jauregui
Frederike Gerstner
Lynn Scott
Sean Gandini

Colaboração na encenação
Ben Duke

Luzes
Guy Dickens

—

Duração
1h00m

Classificação
M/12

Na primeira versão deste espectáculo, em 2010, a trupe inglesa aceitava sem problemas aquela que é a principal falha, ou o terror de qualquer malabarista que se preze: a queda de um objecto ao chão. Durante o espectáculo caíam no palco várias maçãs e peças de louça, aceitando-se a falha e a perturbação do trabalho dos colegas. Essa primeira versão de *Smashed* consistia numa sucessão de quadros vivos que evocavam a guerra, um amor perdido e o charme ultrapassado do ritual do chá das cinco. Em *Smashed2* os malabaristas reinventam-se a si próprios. Sete mulheres e dois homens fazem uma crítica ácida ao espectáculo que já haviam criado há uma década. O ambiente torna-se mais sombrio, e perde a inocência. Em vez de brincarem levianamente uns com os outros, os intérpretes atacam-se entre si sem dó nem piedade, inspirando-se sempre na linguagem coreográfica do *tanztheatre* de Pina Bausch, que homenageiam.

Criada em 1992 pelos malabaristas **Sean Gandini** e **Kati Ylä-Hokkala**, em trinta anos de actividade a companhia **Gandini Juggling** não pára de reinventar a arte do malabarismo no quadro do circo contemporâneo, tendo já actuado em mais de cinquenta países. A criação que agora chega a Almada assenta numa mistura sensacional de virtuosismo e movimento — para oitenta laranjas, sete melancias e nove malabaristas.

EN In *Smashed*, created in 2010, the manipulation of the forbidden fruit took a sagacious look at the strained relations between seven men and two women. In *Smashed2*, seven women and two men turn the table and switch the male and female roles of one of the most celebrated pieces of the last decade. Inspired by Pina Bausch, Sean Gandini and Kati Ylä-Hokkala have borrowed elements of her gestural choreography and combined them with the intricate patterns and cascades of solo and ensemble juggling.

ALMADA
Escola D. António da Costa
Palco Grande

QUA 6
22:00

© Musacchio, Ianniello & Pasqualini

Fabbrica Srl (Roma, Itália)
Apoio: Instituto Italiano de Cultura

Museo Pasolini

Museu Pasolini

De **Ascanio Celestini**

Interpretação
Ascanio Celestini

Vozes
Grazia Napoletano
e Luigi Celidonio

Música
Gianluca Casadei

Som
Andrea Pesce

—

Língua
Italiano
Legendado em português

Duração
1h30m

Classificação
M/12

Naufraga em teu mar maravilhoso, liberta o mundo.
In *À minha nação*, poema de Pier Paolo Pasolini

Como criar um Museu Pier Paolo Pasolini? Para responder a esta pergunta, **Ascanio Celestini** criou *Museo Pasolini*, que durante 2022, o ano em que se assinala o centenário do nascimento do poeta, percorre toda a Itália. Celestini aplica de novo a um projecto a forma pela qual ganhou prestígio nos palcos italianos durante os últimos trinta anos: uma mistura de técnica narrativa com investigação antropológica. Em cena, o actor tem um diálogo imaginário com um historiador, um psicanalista, um escritor, um leitor, e alguém que de facto conheceu Pasolini. O objectivo é escolher os tais objectos que podem provir de sítios tão diversos como um velho armazém, uma lixeira, uma biblioteca ou uma secção de objectos perdidos e achados. Impregnado de uma fina ironia, Ascanio Celestini responde aos quesitos definidos para qualquer museu: pesquisa, aquisição, conservação, comunicação e exposição.

Citando Vincenzo Cerami, um dos mais famosos argumentistas da História do cinema italiano: "Se pegarmos em toda a obra de Pasolini, desde os primeiros poemas que escreveu aos sete anos até ao seu último filme, *Saló ou os 120 dias de Sodoma*, temos o retrato da História italiana desde o fim do fascismo até à segunda metade dos anos setenta".

— —

EN Ascanio Celestini — a Roman actor, director and writer — investigates the figure of Pier Paolo Pasolini. *Pasolini museum* is a utopian place, imagined through the testimonies of a historian, a psychoanalyst, a writer, a reader, a criminologist and a witness. Celestini's idea is to give us back the figure of the writer, by structuring a hypothetical museum and wondering which tangible and intangible objects we could exhibit there. We should consider that Pasolini, in his work, reflected all the changes that have taken place in Italy from the end of fascism to the mid-70's.

ALMADA
Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Graça

QUI 7	SEX 8	SÁB 9
21:30	19:00	18:00

© RICARDO RODRIGUES

Eu sou a minha própria mulher

De **Doug Wright** | Encenação de **Carlos Avilez**

Tradução
Miguel Graça

Interpretação
Marco D'Almeida

Cenografia e figurinos
Fernando Alvarez

Desenho de luz
Paulo Santos

Desenho e operação de som
Hugo Neves Reis

Assistência de encenação e direcção de cena
Rodrigo Aleixo

Produção
Raul Ribeiro

Direcção de montagem
Rui Casares

Operação de luzes e montagem
Jorge Saraiva

Execução de figurino
Rosário Balbi

Execução de cabeleira
Natália Bogalho

Assistência de cenografia, figurinos e adereços
Ricardo Reis

Participação de
Carolina Faria
Filipe Feio
Hugo Narciso
Susana Luz

—

Língua
Português

Duração
2h00m

Classificação
M/12

Eu sou a minha própria mulher estreou nos EUA em 2003. Vencedora de múltiplos prémios, incluindo o Pulitzer de Teatro e o Tony Award, a peça conta-nos a fascinante biografia de Charlotte von Mahlsdorf, uma pessoa transgénero que viveu sob o regime nazi, primeiro, e depois na Berlim oriental da República Democrática Alemã. A história desta *persona* cruza-se com a do próprio autor do texto, que conhece Charlotte em 1992. **Doug Wright** procura conciliar a admiração que nutre pela personalidade encantatória de alguém que, perante dois regimes opressores, nunca teve medo de assumir quem era, com alguns actos colaboracionistas da própria protagonista revelados anos mais tarde.

Envergando um vestido preto simples e elegante, e ostentando um colar de pérolas clássico, Charlotte surge-nos rodeada de réplicas dos objectos da vida quotidiana expostos no museu-antiquário que criou nos anos 60, e em cuja cave abrigou na década seguinte várias celebrações da comunidade homossexual berlinense. Sozinha em cena, esta personagem real desdobra-se nas pessoas que atravessaram a sua vida: vedetas de televisão, familiares e até o próprio autor da peça. Graças a esta nuance, é a própria perspectiva do que ouvimos em palco que se altera, ao darmo-nos conta de que no discurso de Charlotte a verdade e a fantasia se misturam. Uma *tour de force* do actor **Marco D'Almeida**, com direcção de **Carlos Avilez** (homenageado pelo Festival em 2013), *Eu sou a minha própria mulher* confronta-nos com a problemática do julgamento moral de quem viveu sob um regime totalitário.

EN *I Am My Own Wife* is an examination of the life of the German antiquarian Charlotte von Mahlsdorf, born Lothar Berfelde, who killed her father when she was a young child and survived the Nazi and Communist regimes in East Berlin as a transgender woman. Doug Wright based his play on the conversations he had with Charlotte von Mahlsdorf, who he met in 1992. An astonishing *tour the force* for one actor, the play opens Off Broadway, in 2003, with an enormous buzz. Arrived on Broadway later that year, it won the Pulitzer and Tony Awards.

ALMADA
Teatro-Estúdio António Assunção

QUI 7	SÁB 9	DOM 10	SEG 11	QUA 13
21:30	21:30	15:00 e 21:30	21:30	21:30

Teatro dos Aloés (Amadora)

Em casa, no zoo

De **Edward Albee**
Encenação de **Jorge Silva**

Tradução
Graça Margarido
Mick Greer

Interpretação
Duarte Grilo
Patrícia André
Simon Frankel

Cenografia
Rui Francisco

Figurinos
Maria Luiz

Desenho de luz
Tasso Adamoupolos

—

Língua
Português

Duração
1h40m

Classificação
M/16

Em casa, no zoo é uma peça de **Edward Albee** que adiciona um primeiro acto a *Zoo Story*, de 1959. Este primeiro acto, também intitulado *Homelife*, gira em torno do casamento de Peter e Ann, e termina com a saída de Peter para ler um livro no Central Park. Jerry e Peter encontram-se num banco de jardim e iniciam um diálogo que revelará a verdade mais profunda das suas vidas. Peter é um homem casado. Vimo-lo em *Homelife*, com a sua mulher, Ann, as suas duas filhas, duas televisões, dois gatos e dois periquitos: o seu zoológico privado. Trabalha numa editora e tem uma vida estável. É o burguês de classe média, feliz com a prosperidade da sua vida e sem preocupações existenciais. Vive dentro dos padrões pré-estabelecidos pela sociedade. É a própria personificação do *self made man* enjaulado nos ideais e nos valores burgueses da vida. Jerry, por seu lado, é solteiro, vive sozinho, não tem família e leva uma vida totalmente desestruturada. Não se insere nos padrões socialmente determinados, e talvez por isso possua uma capacidade reflexiva extremamente aguçada, sendo crítico dos valores da sociedade e da moral burguesas.

O microcosmo familiar de Peter e a fauna humana de Jerry representam o macrocosmo da própria sociedade descrita por Albee. Uma sociedade inibidora, coerciva do pensamento crítico e reflexivo, e que reduz as pessoas a meros autómatos presos em jaulas, como num jardim zoológico, onde é preferível que as suas forças vitais instintivas sejam aprisionadas, para a manutenção de um mundo dito organizado.

EN More than fifty years after the opening of *Zoo Story*, master playwright Edward Albee (*Who's Afraid of Virginia Woolf?* and *The Goat, or Who is Sylvia?*) wrote a prequel to this classic. *Home Story* contains the events in Peter's life immediately preceding his encounter with Jerry on the park bench, and is every bit as powerful as the original. We meet Ann, Peter's wife, and see the conversation that compelled Peter to go for that fateful walk in the park.

ALMADA
Incrível Almadense
Salão de Festas

QUI 7	SEX 8	SÁB 9
21:30	18:30	15:00

© MARIO ZAMORA

La Tristura (Madrid, Espanha)
Co-produção: Teatros del Canal; Thèâtre de Liège; Noorderzon/Grand Theatre Groningen; Ayuntamiento de Madrid; Prospero • Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa e Acción Cultural Española

Renacimiento

Renascimento

Criação colectiva

Interpretação
Belén Martí Lluch
Iván Mozetich
Roberto Baldinelli
Álvan Prado
Mundo Prieto
Emilio Rivas
Marcos Úbeda
e artistas locais

Coreografia
Mucha Muchacha

Cenografia e figurinos
Cecilia Molano

Iluminação
Carlos Marquerie

Som
Adolfo García

Produção
Alicia Calôt
Mamen Adeva

—

Língua
Castelhano
Legendado em português

Duração
1h30m

Classificação
M/12

Depois de *Future Lovers* (em 2020), os **La Tristura** regressam ao Festival de Almada. *Renacimiento* aborda o processo de montagem de um espectáculo, naquilo que uma criação tem de espírito de oficina colectiva. Um microcosmo, com a sua própria mística e códigos. Feito de luzes, sonoplastia, madeira, panos, andaimes, cargas e descargas. Um esforço colectivo ao serviço de um objectivo concreto, mas também de uma utopia. Onde é preciso escolher e tomar decisões. Um mundo entre duas revoluções: a industrial e a digital. Estamos num palco espanhol e, por isso, nos bastidores que neste caso são a cena, discute-se os quase cinquenta anos de democracia em Espanha. Sem preconceitos, sem juízos de valor, de coração aberto.

No fundo, o que os **La Tristura** nos propõem é um oásis no qual, sem cavarmos as trincheiras de uma facção, se recupera uma missão nobre do ofício teatral: constituir-se como um lugar onde se saram feridas e se iluminam zonas obscuras do passado. Em reacção a um certo espírito de Reconquista, que os criadores consideram apanágio da actual direita espanhola, neste espectáculo contrapõe-se um eterno salutar e quotidiano. Um Renascimento. O jornal *El País* classificou a peça "deliberadamente *naïf*, simples e sincera. Mas também acertada com o espírito do tempo, que nos pede que renasçamos todos os dias".

EN *Renacimiento* is a show built in relation to the imaginary from the last forty years in Spain. It is a brief history of this democracy. We see on stage a group of men working, in search of a common objective. During this process, there will be time for cooperation, confrontation, action and contemplation. La Tristura, one of the most dynamic Spanish companies, now investigates the limits between presentation and representation, showing its interest in contemporary theatre, and showing that intimacy and poetry are essentially political concepts.

ALMADA
Escola D. António da Costa
Palco Grande

SEX 8
22:00

© BRUNO SIMÃO

Arena Ensemble (Lisboa)
Co-produção: Culturgest; Teatro Municipal do Porto; Teatro Municipal de Bragança; Rota Clandestina; Teatro di Sardegna

Selvagem

Uma ideia original de **Renzo Barsotti**
Texto de **Marco Martins** e **Patrícia Portela**, com o contributo do elenco
Encenação de **Marco Martins**

Interpretação
Giuseppe Carai
Luís Meneses
Rafael Costa
Riccardo Spanu
Rubens Ortu
Andrea Loi

Música
Miguel Abras

Cenografia
Fernando Brízio

Outras máscaras
Charles Fréger

Desenho de luz
Nuno Meira

Montagem e operação de som
Sérgio Milhano

Movimento
Vânia Rovisco

Montagem cenográfica
ArtWorks

—

Língua
Português, italiano e sardo
Legendado em português

Duração
1h30m

Classificação
M/14

Em *Selvagem*, **Marco Martins** propõe uma reflexão sobre o uso da máscara em práticas ritualísticas que, desde tempos imemoriais, marcam colectivamente em vários pontos da Europa momentos cruciais como equinócios e solstícios. Somos cada vez mais uma sociedade de máscaras que se escondem atrás de um mundo virtual. Qual o significado actual da máscara? Como pode a convivência com a máscara transformar a actividade e identidade de cada um? A partir da investigação sobre o significado ancestral deste objecto, *Selvagem* mapeia o seu valor como possibilidade identitária, bem como a complexidade inerente à multiplicação e intersecção de identidades.

Para este espectáculo, o encenador, habituado ao desafio de trabalhar com actores amadores, juntou quatro sardos e dois transmontanos que pela primeira vez subiram a um palco. Os ecos das mascaradas de Baçal e Podence, em Trás-os-Montes, e de Orotelli, Ottana e Ula Tirso, na Sardenha, transformam-se aqui em algo diferente, unidos pelo diálogo e mistério que as máscaras escondem e que os séculos que vão passando não conseguem apagar.

— —

EN Marco Martins proposes in *Wild* a reflection on the use of the mask in ritualistic practices that, since immemorial times, collectively mark crucial moments in Europe, such as the equinoxes and solstices, integrating characters such as the Wild Man, the Bear, the Goat or the Devil. Based on the investigation of the ancestral meaning of masks, *Wild* will map its value as an identity possibility, as well as the complexity inherent to the multiplication and intersection of identities.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

SÁB 9	**DOM 10**
21:30	16:00

© JAVIER NAVAL

LAZONA (Madrid, Espanha)
Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa

ESPECTÁCULO DE HONRA

Miguel de Molina al desnudo

Miguel de Molina a nu

De **Ángel Ruiz** | Encenação de **Félix Estaire**

Interpretação
Ángel Ruiz

Pianista
César Belda

Direcção musical
César Belda

Coreografía
Mona Martínez

Figurinos
Guadalupe Valero

Iluminação
Juanjo Llorens

Direcção de produção
Miguel Cuerdo

—

Língua
Castelhano
Legendado em português

Duração
1h30m

Classificação
M/12

O mítico génio do flamenco **Miguel de Molina** (1908-1993) é provavelmente a melhor emanação que Espanha produziu dessa mistura tão sugestiva que resulta da união da vanguarda com a tradição. Em tudo o que fazia, Molina punha paixão, convocando outros génios para o seu redor, artistas como ele dotados da imaginação e do atrevimento que fizeram de Molina um estandarte da liberdade criadora e individual. Em cena apenas acompanhado por um pianista, o *cantante* e *bailaor* confessa: "Sempre fui objecto de perseguição, utilizado pelos perdedores e resgatado pelos vencedores como um despojo de guerra." Perseguido pela Espanha de Franco, viu-se enredado numa onda de calúnias cuja finalidade era denegri-lo, em razão, também, da sua homossexualidade – que Molina aliás nunca renegou, numa atitude de grande arrojo perante as convenções do seu tempo. Uma biografia em forma de recital, contada por um verdadeiro *alter-ego* de Molina: o actor Ángel Ruiz. Um espectáculo íntimo, mas com a força telúrica do desassombro.

"Abordámos este trabalho tendo em mente a ideia de levar para a cena uma personagem observada a partir de múltiplos pontos de vista – da dimensão pessoal à dimensão profissional, percorrendo a sua vida e o seu legado como um espelho no qual podemos ver-nos reflectidos". (Félix Estaire)

EN The mythical flamenco genius Miguel de Molina (1908-1993) mixed *avant-garde* with tradition, and was a model for creative and individual freedom. Persecuted by Franco's Spain, he found himself entangled in a wave of calumnies whose aim was to denigrate him, primarily because of his homosexuality. In an attitude of great courage for that epoch, he never denied it. In *Miguel de Molina al desnudo* we are invited to discover this so very singular 20th century's flamenco singer and dancer, on a very special portrait written and interpreted by Ángel Ruiz.

ALMADA
Escola D. António da Costa
Palco Grande

DOM 10
22:00

© JORGE GONÇALVES

Artistas Unidos (Lisboa)

Taco a taco

De **Kieran Hurley** e **Gary McNair**
Encenação de **Pedro Carraca**

Tradução
Eduardo Calheiros

Interpretação
Marco Mendonça
Tiago Dinis

Cenografia e figurinos
Rita Lopes Alves (com a colaboração dos alunos do 12º de Realização Plástica do Espectáculo da Escola Artística António Arroio)

Luz
Pedro Domingos

Som
André Pires

Assistentes
Inês Pereira
Manuel Petiz

—

Língua
Português

Duração
1h35m

Classificação
M/12

Em *Taco a taco* o recreio é o ringue onde vítimas e agressores se digladiam diariamente. Está na hora do combate final: ouve-se a sineta e começa o espectáculo. A dupla de premiados autores escoceses Kieran Hurley e Gary McNair escreveu uma peça hilariante, sob a forma de um combate de luta-livre, que versa sobre violência, masculinidade, e a forma como estes conceitos se inscrevem no desenvolvimento humano. Assumindo querer ir mais longe, **Pedro Carraca** instalou inclusive um ringue no palco: o encenador procurou ir além da montagem original de *Square go*, uma expressão escocesa que significa "ajuste de contas" ou "mano a mano" entre dois homens. O diálogo entre Max e Stevie — os dois adolescentes que protagonizam esta peça — nunca chega a sair da casa de banho, que é o local onde os jovens dissecam numa tensão crescente, os seus medos e fantasmas.

A montagem deste texto levada agora a cabo pelos **Artistas Unidos** assenta na exposição física, e na corporalidade dos temas a que a peça alude com fina ironia: a violência e as dores do crescimento interior, a aceitação do outro na medida da sua diferença, e a relação com a inveja alheia. No fundo, a verdadeira arena de combate é neste caso a própria escola, um local que habitualmente oculta segredos inconfessáveis, e que nos são revelados neste espectáculo de uma forma patética, dolorosa e terna — procurando constantemente a cumplicidade com o público.

— —

EN Max is a normal kid in a normal town. He spends his days daydreaming and hanging out with his weird wee pal Stevie Nimmo. But when Max is called for his first Square Go, a fight by the school gates, it's his own demons he must wrestle with first. This collaboration between Fringe First-winning writers Kieran Hurley (*Heads Up*) and Gary McNair (*A Gambler's Guide to Dying*) is a raucous and hilarious play about playground violence, myths of masculinity and the decision to step up or run.

ALMADA
Incrível Almadense
Salão de Festas

SEG 11	TER 12	QUA 13
21:30	18:30	21:30

Compagnie Kadidi (Marselha, França)

Co-produção: Théâtre de la Ville – Paris; Festival d'Automne à Paris; Charleroi-Danse; Centre Chorégraphique de Wallonie-Bruxelles; Châteauvallon – Scène nationale; Théâtre de Saint-Quentin-en-Yvelines – Scène nationale; Le Grand T – Théâtre de Loire-Atlantique; CCN-Ballet National de Marseille (Accueil Studio 2020); NEXT Festival / La Rose des Vents – Scène nationale Lille Métropole Villeneuve d'Ascq; Théâtre National de Bretagne; Théâtre de Nîmes – Scène conventionnée d'intérêt national – Art et Création – Danse Contemporaine • Apoio: Institut Français

Mailles

Malhas

De **Dorothée Munyaneza**

Interpretação
Ife Day
Moya Michael
Asmaa Jama
Elsa Mulder
Nido Uwera
Dorothée Munyaneza

Colaboração artística
Stéphanie Coudert

Música e desenho de som
Alain Mahé
Ben Lamar Gay
Dorothée Munyaneza

Luzes
Christian Dubet

—

Língua
Espectáculo poliglota
Legendado em português

Duração
1h00m

Classificação
M/12

Mailles é um espectáculo de mulheres. Em cena, sete *performers*, artistas e intelectuais, que nos chegam dos quatro cantos do Mundo. Todas negras, africanas ou afro-descendentes. Comprometidas. À medida que foi conhecendo estas mulheres, Dorothée Munyaneza estabeleceu com elas relações fortes, alimentadas pelos relatos íntimos que foi ouvindo. Juntou-as em cena, para que as escutemos, e aos seus percursos de vida, e com elas partilhemos o seu combate, num meio onde são muitas vezes rejeitadas. Histórias, memórias e raiva, que tecem as malhas de um só tecido, estampado perante os espectadores, com os sons de instrumentos tradicionais e vozes corais. Tudo envolto numa eficaz plasticidade dramática. Uma catarse política, poética e íntima.

Natural do Ruanda, **Dorothée Munyaneza** deixou Kigali em 1994, aos 12 anos, instalando-se em Inglaterra com os seus pais. Depois de ter adoptado a nacionalidade britânica, estudou música, através da qual tem vindo a perpetuar a memória dos corpos, individuais e colectivos, por meio das palavras dos temas que escreve. Munyaneza, definida pelo jornal *Libération* como "um animal de palco", é autora e coreógrafa, sendo considerada um dos nomes fundamentais da cena contemporânea. Em 2013 criou a Compagnie Kadidi, assinando a sua primeira criação no ano seguinte: *Samedi Détente*. *Unwanted* estreou em 2017 no Festival d'Avignon: as duas peças já deram mais de cem representações em todo o Mundo.

— —

EN *Mailles* is a women's show. Whether they be artists or intellectuals, they hail from the four corners of the earth and are black, African or Afro-descendant and committed. Dorothée Munyaneza's unites them onstage in order for their different paths to be heard, as well as the violence of their life stories and History itself. In this symphony for seven voices, Dorothée Munyaneza seeks to weave the fabric of these stories in collaboration with the designer and visual artist Stéphanie Coudert.

ALMADA
Escola D. António da Costa
Palco Grande

TER 12
22:00

	LOCAL	ESPECTÁCULO	Pág.	04 SEG	05 TER	06 QUA	07 QUI	08 SEX	09 SÁB	10 DOM	11 SEG	12 TER	13 QUA	14 QUI	15 SEX	16 SÁB	17 DOM	18 SEG
ALMADA	ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA Palco Grande	Aucune idée	11	22:00														
		Smashed2	17			22:00												
		Renacimiento	25					22:00										
		Miguel de Molina al desnudo	29							22:00								
		Mailles	33									22:00						
		Sonho	41											22:00				
		Fado dans les veines	45													22:00		
		Hokuspokus	51															22:00
	TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE Sala Principal	Noite de Reis	13		21:30	21:30												
		Selvagem	27						21:30	16:00								
		ödipus	39											19:00	21:30			
		Hands do not touch your precious Me	49														21:30	19:00
	Sala Experimental	Se eu fosse Nina	15		21:30		21:30		16:00		21:30		21:30				18:00	
	FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA	Museo Pasolini	19				21:30	19:00	18:00									
		Tierras del Sud	37										21:30			15:00	15:00	
	TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO	Eu sou a minha própria mulher	21				21:30		21:30	15:00 21:30	21:30		21:30					
	INCRÍVEL ALMADENSE	Em casa, no zoo	23				21:30	18:30	15:00									
		Taco a taco	31								21:30	18:30	21:30					
LISBOA	TEATRO NACIONAL D. MARIA II	I was sitting on my patio...	47													21:30	17:00	
	CENTRO CULTURAL DE BELÉM	Falaise	43												21:00	19:00		

© ALESSIA BOMBACI

Antic Teatre, Festival TNT (França e Chile)
Co-produção: Azkona&Toloza

Tierras del Sud

Terras do Sul

De **Laida Azkona Goñi** e **Txalo Toloza-Fernández**

Dramaturgia, encenação e interpretação
Azkona Goñi
Txalo Toloza-Fernández

Vozes
Sergio Alessandria
Agustina Basso
Conrado Parodi
Gerardo Ghioldi
Daniel Osovnikar
Sebastián Seifert
Rosalía Zanón
Marcela Imazio

Assistência de encenação
Raquel Cors

Banda sonora original e desenho de som
Juan Cristóbal Saavedra

Desenho de luz
Ana Rovira

Técnico de luz em digressão
Conrado Parodi

Desenho audiovisual
MiPrimerDrop

Cenografia
Juliana Acevedo
MiPrimerDrop

Produção
Helena Febres

—

Língua
Português e castelhano
Legendado em português

Duração
1h30m

Classificação
M/12

"Apesar de menos de 5% da população viver na Patagónia, a região ocupa quase metade do território nacional e canaliza a maior parte das reservas de água potável e energia hidroeléctrica – e 80% do petróleo e gás natural da Argentina." (*The New York Times*)

O que liga o industrial italiano Luciano Benetton à pequena comunidade mapuche dos Curiñanco-Nahuelquir? O que liga o presidente de Argentina Mauricio Macri a Sylvester Stallone? As respostas a estas perguntas poderemos encontrá-las nas fronteiras meridionais da América, na região mais despovoada da Argentina, entre grandes lagos cristalinos e enormes picos nevados. Entre os Andes e o Atlântico. Em Puelmapu, o território ancestral do povo mapuche. Teatro documental, sobre a barbárie que representam as novas formas de colonialismo, sobre o que significa o progresso e o que realmente fizeram os homens que inventaram um país europeu do outro lado do Atlântico, violentando os territórios e os seus habitantes. Em cena, poderemos assistir à transformação de um palco de teatro num pedaço da actual Patagónia, numa revisitação da história do nascimento e expansão do Estado argentino e da sua relação com os grandes capitais estrangeiros.

Movendo-se entre Barcelona, Pamplona ou o Deserto de Atacama, **Azkona&Toloza** é uma dupla de artistas com experiência em novas dramaturgias e ligações a companhias e artistas sul-americanos.

EN What does link the Italian industrialist Luciano Benetton to the small Mapuche community of Curiñanco-Nahuelquir? What does link the Argentine president Mauricio Macri to Sylvester Stallone? This show of documentary theater is about capitalist barbarism and its unopposed appropriation of territories and ancestral human cultures. It approaches the birth and expansion of the Argentine state and its relationship with the great European and North American business ventures.

ALMADA
Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Graça

QUA 13	SÁB 16	DOM 17
21:30	15:00	15:00

Schaubühne am Lehniner Platz (Berlim, Alemanha)

ödipus

Édipo

Texto de **Maja Zade**
Encenação de **Thomas Ostermeier**

Interpretação
Caroline Peters
Christian Tschirner
Isabelle Redfern
Renato Schuch

Cenografia
Jan Pappelbaum

Figurinos
Angelika Götz

Composição musical
Sylvain Jacques

Vídeo
Matthias Schellenberg
Thilo Schmidt

Dramaturgia
Maja Zade

Desenho de Luz
Erich Schneider

—

Duração
2h10m

Língua
Alemão
Legendado em português

Classificação
M/16

Uma casa de férias na Grécia: Christina, dona de uma empresa de químicos, e o seu jovem namorado e também empregado, Michael, aproveitam o sol antes do nascimento do primeiro filho. Ela prepara uma bebida enquanto ele foi correr. Chega o irmão de Christina, Robert, e confronta Michael, que secretamente ordenou uma investigação sobre um acidente envolvendo um dos camiões da empresa, que terá lançado pesticida num lago. Começa uma violenta discussão. Entretanto chega também a melhor amiga de Christina, Theresa. Os problemas da empresa adensam-se, arrastando consigo problemas familiares. São revelados segredos. São ditas palavras muito duras. Um dia que começou feliz termina em tragédia. Neste espectáculo, o encenador alemão Thomas Ostermeier revisita o mito de Édipo Rei. Porém, em vez da peça de Sófocles, opta por um texto original da dramaturga alemã Maja Zade, que traz a história para o presente. *ödipus* mostra-nos como uma vida pode mudar completamente de um segundo para o outro. O que acontece quando aquilo que sempre acreditámos ser verdade se revela uma mentira?

Thomas Ostermeier regressa a Almada com a Schaubühne, a histórica companhia alemã cuja direcção artística assumiu em 1999. Vencedor do Prémio Europa – Novas Realidades Teatrais, em 2000, e do Leão de Ouro da Bienal de Veneza em 2011, Ostermeier é um dos mais reconhecidos encenadores europeus, que gosta de abordar quer textos contemporâneos, quer os clássicos da dramaturgia universal, mas procurando sempre uma abordagem actual e arrojada.

EN Noted primarily for his ability to deliver electrifying, highly charged versions of canonical texts, the prolific director Thomas Ostermeier revisits *Oedipus Rex*. However, instead of Sophocles' play, he opts for an original text by German dramatist Maja Zade, adapting the ancient myth to the present. Through a strikingly modern, minimalist writing style and a suspenseful plot, audiences will watch a story unfolding in present-day Greece, where a family of German industrialists spend their vacation.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

QUI 14	SEX 15
19:00	21:30

© MIGUEL BARTOLOMEU

Ar de Filmes / Teatro do Bairro (Lisboa)

Sonho

De **August Strindberg**
Encenação de **António Pires**

Tradução
Cristina Reis
Luis Miguel Cintra
Melanie Mederlind

Interpretação
Alexandra Sargento
Carolina Campanela
Carolina Serrão
Cassiano Carneiro
Catarina Vicente
Francisco Vistas
Hugo Mestre Amaro
Jaime Baeta
João Barbosa
João Sá Nogueira
Luís Lima Barreto
Mário Sousa

Voz
Cláudio da Silva

Cenografia
João Mendes Ribeiro

Figurinos
Luís Mesquita

Música
Miguel Sá Pessoa

Luz
João Botelho

Iluminação
Rui Seabra

Desenho de som
Paulo Abelho

—

Língua
Português

Duração
1h30m

Classificação
M/12

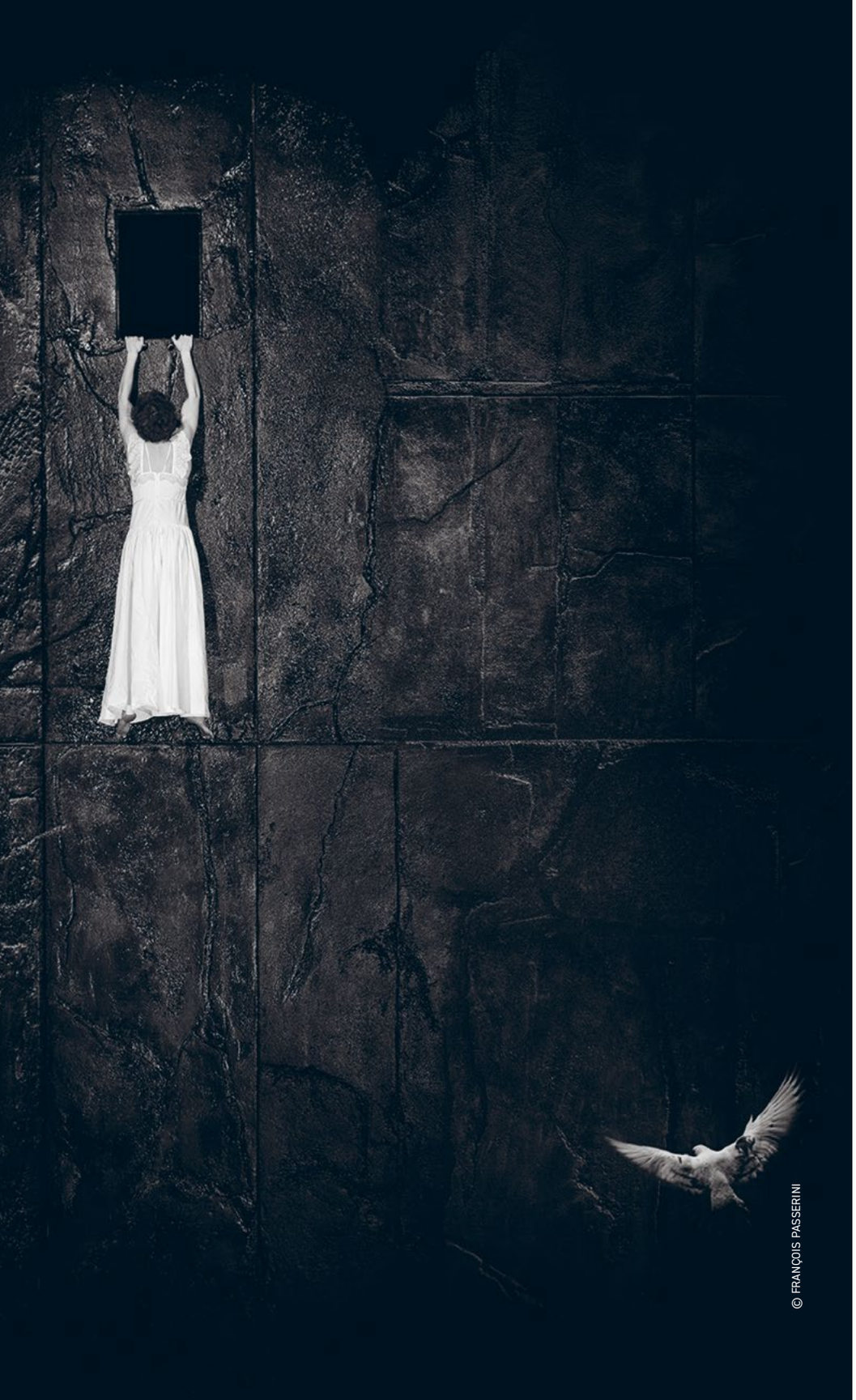
Em 1902 **August Strindberg**, conhecido até então sobretudo pelas suas obras ditas "naturalistas" — isto é, baseadas na psicologia das personagens, na simplicidade da construção dramatúrgica e na unidade de lugar — publica *Sonho*. Muitos dos seus contemporâneos, confrontados com um estilo dramático inédito, sentem-se, de acordo com a ensaísta Elena Balzamo, "desconcertados pelo cariz caótico e irracional do texto". Outros vêm na peça um modelo a seguir, numa altura em que o naturalismo parecia dominar o pensamento e as artes: *Sonho*, como instauração de uma nova forma artística, prefigurava o expressionismo, em vez de continuar o realismo, no qual os autores franceses do século XIX tinham sido mestres.

Inês, filha do deus Indra, desce à Terra para testemunhar os lamentos dos seres humanos. Encontra-se com variadíssimas personagens, muitas das quais arquétipos da nossa sociedade. Depois de passar por algumas formas de sofrimento humano — como a pobreza, a crueldade, ou mesmo a rotina da vida familiar —, a filha dos deuses percebe finalmente que a Humanidade é digna de dó. O seu retorno ao Céu é como o despertar de um sonho. Para Luis Miguel Cintra, um dos tradutores desta versão, qualquer montagem desta obra "precisa de recriar uma poesia cuja única coerência parece ser a da incoerência de um sonhador em cima de um palco, que por sua vez é colectivo por natureza, por excelência, por definição. Alguém sonhou este sonho, mas este sonho sobe aos palcos. Como se põe muita gente a dar carne outra vez ao sonho de outro?".

EN *A Dream Play* is a fantasy play written in 1902 by August Strindberg. It remains one of Strindberg's most admired and influential dramas, seen as an important precursor to both dramatic expressionism and surrealism. Agnes, daughter of gods, descends to Earth to bear witness to problems of human beings. After experiencing all sorts of human suffering (like poverty, cruelty, or the routine of family life), she realizes that human beings are to be pitied. Finally, she returns to Heaven, and this moment corresponds to the awakening from a dream-like sequence of events.

ALMADA
Escola D. António da Costa
Palco Grande

QUI 14
22:00



© FRANÇOIS PASSERINI

Baro d'evel (Toulouse, França)

Co-produção: GREC 2019, Teatre Lliure, Théâtre Garonne, Malraux, ThéâtredelaCité, Pronomade(s) en Haute-Garonne, CNAR, L'Archipel, MC93, CIRCa, Auch Gers, Le Grand T, le Parvis, Les Halles de Schaerbeek, L'Estive, Cirque Jules Verne, Scène nationale d'Albi, Bonlieu, Teatros del Canal, Le domaine d'O, Houdremont, 2 Pôles Cirque en Normandie, La Brèche à Cherbourg, Cirque-Théâtre d'Elbeuf · Apoio: Institut Français · Co-apresentação: Centro Cultural de Belém

Falaise

Falésia

De **Camille Decourtye** e **Blaï Mateu Trias**

Interpretação
Noëmie Bouissou
Camille Decourtye
Claire Lamothe
Blaï Mateu Trias
Oriol Pla
Julian Sicard
Marti Soler
Guillermo Weickert
um cavalo e pombos

Cenografia
Lluc Castells

Figurinos
Céline Sathal

Desenho de Luzes
Adèle Grépinet

Criação musical
Fred Bühl

—

Duração
1h45m

Classificação
M/12

"Baro d'evel" significa na língua *manouche*, dos ciganos, "Pelo amor de deus". Mas é também, na simbologia deste povo, uma forma de evocar aquilo que ultrapassa a dimensão humana: as nuvens, a chuva, o céu. Na escuridão das cavernas, o som funcionava como um compasso para a humanidade. Eram necessários gritos para indicar o caminho. Eram necessárias canções para iluminar a escuridão. Em *Falaise*, também os humanos e os animais gritam, procuram, tacteiam. Avançam o melhor que podem no túnel dos tempos. Estamos na base da parede ou no topo do Mundo? Será que a vida morre, ou que renasce? Os intérpretes caem e erguem-se sempre com a mesma clareza, a mesma inocência, a mesma insistência. Querem sobreviver. A qualquer custo. São um rebanho. Uma multidão. Quase uma família. Inventam algo verdadeiramente novo nas brechas deixadas por um mundo em ruínas.

A companhia **Baro d'evel** é dirigida por **Camille Decourtye** e **Blaï Mateu Trias**. O que motiva e desafia estes criadores é o acto de se colocarem constantemente em risco, e de buscarem uma arte total. Procuram cruzamentos e encontros, ao mesmo tempo que almejam a excelência em cada disciplina. Trata-se de um trabalho árduo e quotidiano, que reúne humanos e animais — no caso desta criação, oito *performers*, um cavalo e vários pombos — em torno do movimento, da acrobacia, da voz, da música e da matéria. *Falaise* é um regalo para os sentidos, com piscadelas de olho ao cinema de Béla Tarr, Andrei Tarkovski, Wim Wenders — e também a Samuel Beckett e ao teatro do absurdo.

— —

EN In the darkness of the caves, sound was like a compass for mankind. Screams were needed to lead the way. Songs were needed to brighten the darkness. Here too, humans and animals scream, search, grope. They move forward as best as they can in the tunnel of times. Is it the foot of the wall or the top of the world? Does life die here or is it reborn? The Baro d'evel company is directed by Camille Decourtye and Blaï Mateu Trias. Their driving challenges are to put themselves in danger artistically, to seek a total form of art.

LISBOA
Centro Cultural de Belém
Grande Auditório

SEX 15	**SÁB 16**
21:00	19:00

© JEAN PIERRE ESTOURNET

Magma Perfoming Théâtre (Cébazat, França)
Co-produção: Théâtre des Ilets • Apoio: Institut Français

Fado dans les veines

Fado nas veias

Texto e encenação de **Nadège Prugnard**

Interpretação
Jérémy Bonnaud
Charlotte Bouillot
Eric Exbrayat
Radoslaw Klukowski
Nadège Prugnard
Carina Salavado
Laura Tejeda

Criação musical colectiva dirigida por
Radoslaw Klukowski
Laura Tejeda

Cenografia
Benjamin Lebreton

Montagem
Balyam Ballabeni
Benjamin Lebreton

Direcção técnica e luz
Gilles Choulet

Som
Cyril Virevaire

Dramaturgia
Christian Giriat

Apoio artístico
Jean-Luc Guitton

Figurinos
Séverine Yvernault

Direcção de tourné
Caroline Selig

Administração e produção
"J'aime beaucoup ce que vous faites" – Christophe e Jérôme Paris-Marty

—

Língua
Francês
Legendado em português

Duração
1h30m

Classificação
M/12

Fado dans les veines é um espectáculo-catarse, no qual **Nadège Prugnard** se entrega ao público de peito aberto. Evitando o acompanhamento tradicional do fado (guitarra portuguesa e viola), a criadora luso-francesa sobe ao palco acompanhada por uma guitarra eléctrica, uma tuba e trompetes. Durante o espectáculo surgem, aqui e ali, alusões aos outros dois efes — Futebol e Fátima — que costumavam acompanhar o retrato de um Portugal de memória ainda recente. Assumidamente transgressor e excessivo, *Fado dans les veines* alcança ainda assim um forte grau de intimidade com o público, muito graças à interpretação da actriz, autora e encenadora, que se confessa uma anarquista por natureza.

"Sou francesa e portuguesa", diz-nos. "O meu avô, como outras centenas de milhares de portugueses, chegou a França fugido do regime de Salazar. É sobre esta emigração íntima e política, feita do fado que me corre nas veias, que eu falo. Um fado da alma e do exílio, que sempre ocultei, como um segredo difícil de revelar, e que agora resolvi enfrentar transformando-o em poema. A partir de uma recolha de palavras feita em França e em Portugal, compus um poema para ser cantado, feito de desenraizamento, do peso do destino, da ausência, e de melancolia. Mas esta é também uma canção de protesto. Um hino à glória do povo e dos resistentes de Portugal e de França".

EN *Fado in your veins* consists on the story of a young woman whose grandfather escaped into France, when Portugal was a dictatorship. It's a *fado* of soul and exile. We embark on a poetic odyssey, with surrealistic traces, that questions Portuguese migration, the Carnation Revolution, the labyrinth of *saudade*, and the economic and existential challenges of Portugal today. The play is spoken, but also sung. The text is the result from a recollection of words made in France and Portugal, to which was added some absence and melancholy — but also some protest and resistance.

ALMADA
Escola D. António da Costa
Palco Grande

SÁB 16
22:00

© LUCIE JANSCH

Théâtre de la Ville (Paris, França)
Em associação com EdM Productions | Co-apresentação: Teatro Nacional D. Maria II

I was sitting on my patio this guy appeared I thought I was hallucinating

Estava sentado no meu pátio este tipo apareceu e eu pensei que estava a alucinar

Texto, concepção e encenação de **Robert Wilson** | Co-encenação: **Lucinda Childs**

Interpretação
Christopher Nell
Julie Shanahan

Encenador associado
Charles Chemin

Figurinos
Carlos Soto

Colaboração cenográfica
Annick Lavallée-Benny

Colaboração na iluminação
Marcello Lumaca

Desenho de som
Nick Sagar

Criação da maquilhagem
Manuela Halligan

Colaboração na criação da maquilhagem
Véronique Pflüger

Assistência de figurinos
Emeric Le Bourhis

Assistência de cenografia
Chloé Bellemère

Assistência ao encenador associado
Agathe Vidal

—

Língua
Inglês
Legendado em português

Duração
Peça em dois actos
1h20

Classificação
M/16

Quarenta e cinco anos após a criação de *I was sitting on my patio this guy appeared I thought I was hallucinating*, **Robert Wilson** e **Lucinda Childs** transmitem a dois novos intérpretes — o actor alemão Christopher Nell e a bailarina australiana Julie Shanahan — os seus papéis neste solo desdobrado. Trata-se de um espectáculo de ruptura. *I was sitting on my patio...* foi montado por Robert Wilson em 1977, um ano após a criação de *Einstein on the Beach* e da sua energia bem marcada. Estamos perante um monólogo privado de acção, que origina uma corrente de associação de ideias irracional, cravada na depuração de um cenário a preto e branco e animada por uma gestualidade inicialmente angulosa e depois febril.

Este *zapping* verbal, interpretado originalmente pelo próprio Robert Wilson num arrebatamento impressionante, era retomado na mesma toada por Lucinda Childs, que lhe imprimia a expressividade própria de um colapso interior. Minimalismo clínico, austeridade formal sujeita ao prisma das suas próprias contradições. Nada acontece — este "tipo" [*this guy*] anunciado no título e nas primeiras palavras do texto nunca chega. Nada acontece e tudo se passa. Tudo se passa e torna a passar na própria diferença entre si e si mesmo. E continuará a passar, como as voltas de um carrocel. É o regresso do encenador americano ao Festival de Almada, depois de *Mary Said What She Said*, apresentado em 2019.

EN *I was sitting on my patio this guy appeared I thought I was hallucinating* was created by Robert Wilson in 1977. This monologue without drama consists on a stream of consciousness pouring forth, set in the simplicity of a black and white stage and driven by movements initially angular and then feverish. A frenzy of words, uttered first by Wilson himself, and then repeated by Lucinda Childs, marking the speech with the expressiveness of an inner collapse. Clinical minimalism, formal austerity perceived through contradictions: nothing happens and everything happens. Christopher Nell and Julie Shanahan now replace the original cast of the 1977 production.

LISBOA
Teatro Nacional D. Maria II
Sala Garrett

SÁB 16	DOM 17
21:30	17:00

© DANNY WILLEMS

Ultima Vez (Bruxelas, Bélgica)
Co-produção: KVS Brussel e Teatro Comunale di Ferrara

Hands do not touch your precious Me

Os universos misturados de **Wim Vandekeybus**, **Olivier de Sagazan** e **Charo Calvo**

Co-criação e interpretação
Olivier de Sagazan
Lieve Meeussen
Wim Vandekeybus
Maria Kolegova
Mufutau Yusuf
Borna Babic
Maureen Bator
Davide Belotti
Pieter Desmet
Anna Karenina Lambrechts

Criação artística com argila
Olivier de Sagazan

Manipulação de câmara ao vivo
Wim Vandekeybus

Composição e produção da música
Charo Calvo

Música original adicional
Norbert Pflanzer

Dramaturgia
Erwin Jans

Figurinos
Isabelle Lhoas

Design de luz
Wim Vandekeybus
Thomas Glorieux

Operação de luz em digressão
Benjamin Verbrugge

Técnico de som
Christian Schröder

—

Duração
1h30

Classificação
M/12

Em *Hands do not touch your precious Me*, Wim Vandekeybus tece um conto mítico de confronto e transformação, luz e escuridão, morte e renascimento. Para a criação deste universo, convoca pela primeira vez o *performer* e artista visual Olivier de Sagazan, cujo trabalho assenta na transfiguração do corpo e do rosto. A exploração dos limites humanos de Vandekeybus e Sagazan encontra eco na entrega corpórea de oito magníficos bailarinos e na textura da música eletroacústica de Charo Calvo. Juntos, apresentam-nos um submundo inspirado no mito da deusa suméria Inanna, povoado por esculturas carnais vivas que pairam entre o utópico e o horrível, o poderoso e o frágil.

O poético e misterioso título *As mãos não tocam o teu Eu precioso* foi retirado de um verso dedicado à deusa Inanna escrito por Enheduanna, uma sacerdotisa suméria. O poema, com mais de 4.000 anos e redigido em placas de barro de escrita cuneiforme, exprime as dúvidas e incertezas comuns a quem tem de atravessar a vida tomando decisões. Estamos perante algumas das histórias mais antigas escritas pela humanidade. Apesar de estilos diferentes, as *performances* de **Wim Vandekeybus** e de **Olivier de Sagazan** balançam entre o significado das palavras *homem* e *corpo*. Vandekeybus desenvolve a sua coreografia baseando-se em impulsos e reacções resultantes do confronto com situações de perigo e de risco físico. O coreógrafo belga regressa a Almada, depois de em 2010 ter apresentado no TMJB *niewZwart* e em 2017 *Speak low if you speak love*.

EN In *Hands do not touch your precious Me*, a hymn by the Sumerian High Priestess Enheduanna to the goddess Inanna, Wim Vandekeybus creates a mythical tale of confrontation and transformation, light and darkness, death and rebirth. For this new creation he collaborates with the composer Charo Calvo, eight dancers and – for the first time – with the performer and visual artist Olivier de Sagazan. Together they create a world in which bodies balance like living, fleshly sculptures between the utopian and the gruesome, the powerful and the fragile.

ALMADA
Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

DOM 17	SEG 18
21:30	19:00

Familie Flöz (Berlim, Alemanha)
Co-produção: Theaterhaus Stuttgart e Theater Duisburg

Hokuspokus

Criação colectiva
Encenação de **Hajo Schüler**

Interpretação
Fabian Baumgarten
Anna Kistel
Sarai O'Gara
Benjamin Reber
Mats Süthoff
Michael Vogel

Criação das máscaras
Hajo Schüler

Cenografia
Felix Nolze

Figurinos
Mascha Schubert

Música
Vasko Damjanov
Sarai O'Gara
Benjamin Reber

—

Duração
1h15m

Classificação
M/12

Na origem de *Hokuspokus* está a aventura da criação teatral. Como será um espectáculo que se propõe pôr em cena o princípio das coisas? Que papéis são distribuídos? Que personagens queremos ver ganhar vida a partir de um pedaço de barro? E precisamos mesmo de barro para as esculpir? E, acima de tudo, como se chega ao término de um projecto com estas características? Vamos então até ao início de tudo, quando as trevas se transformam em luz, quando se sente um sopro divino, e quando os primeiros amantes se encontram no jardim do Paraíso, onde dão os primeiros passos, procuram abrigo da natureza, e tentam comprar um apartamento em conta. O destino depressa se encarregará de os confrontar com as agruras da vida. Com o nascimento dos filhos, as forças centrífugas crescem — e ameaçam a unidade familiar.

Com este novo projecto, estreado já em Junho de 2022, a caixa de ferramentas utilizada habitualmente pelos **Familie Flöz** ganha novos utensílios. Desta vez poderemos ver os actores por detrás das máscaras. Criador e criação fundem-se num só, até ao momento em que a história acaba por contar-se a si própria. *Hokuspokus* brinca com a origem da palavra a que vai buscar o título, que consistirá numa corruptela da expressão latina *Hoc est enim corpus meum*: "este é o meu corpo". Eis o regresso do colectivo alemão a Almada, depois de *Dr. Nest* ter sido eleito Espectáculo de Honra em 2018, e de no ano seguinte *Infinita* subir à cena no TMJB.

— —

EN Familie Flöz expands its toolbox for this play and, in addition to the familiar mask figures, it also shows the actors behind them. Whether playing music, singing, filming, or speaking, this ensemble creates the world of masks before the eyes of the audience. The title *Hokuspokus* plays with the presumed origin of the word, a popular verbalization of the Latin *Hoc est enim corpus meum*: "This is my body".

ALMADA
Escola D. António da Costa
Palco Grande

SEG 18
22:00

Música na esplanada

Apoio: Share Foundation

Escola D. António da Costa

Segunda • 4 Julho • 20:30

Instituto Nacional de Música do Afeganistão

No final de 2021 Portugal acolheu mais de duzentos refugiados afegãos. Com o apoio do Conservatório Nacional estes jovens têm prosseguido a sua formação. No concerto, tocarão instrumentos clássicos e tradicionais.

Terça • 5 Julho • 20:00 — Angola

Chalo Correia

Cantor e compositor, Chalo Correia vive há 27 anos em Portugal. O seu primeiro álbum, *Kudihohola,* foi lançado em 2015, e logo no ano seguinte o intérprete angolano foi nomeado para o prémio em duas categorias nos Angolan Music Awards. Em 2018 foi lançado, *Akuá musseque*, com o qual tem percorrido o Mundo.

Quarta • 6 Julho • 20:30 — Portugal

Juvânia Gomes & Gerajazz messengers

O grupo reúne jovens músicos provenientes da Orquestra Geração. Os *Gerajazz Messengers* são: Juvânia Gomes, Afonso Lucas, Daniel Lourenço, Edvânia Moreno, João Barroso, Maria Fonseca e Mateus Verdilheiro.

Quinta • 7 Julho • 20:00 — Cabo-Verde

Freireanas Guerreiras

As batucadeiras são parte da tradição vocal e musical feminina da mulher de Cabo Verde. Instaladas em círculo, estas intérpretes cantam, dançam e tocam almofadas, que se constituem como instrumentos de percussão. Em palco estarão: Dàda di bia, Ana Mileida, Andreia, Keila, Eviline, Romina, Edna, Niche e Lene.

Sexta • 8 Julho • 20:30 — Portugal

César Prata

A cantar com os meus botões é a mais recente produção do músico e multi-instrumentista César Prata. Diversos instrumentos musicais são convocados para dar forma a temas construídos com base na conjugação entre o acústico e o processamento do som através de pedais de efeitos.

Sábado • 9 Julho • 20:00 — Brasil

Luiz Gabriel Lopes

Luiz Gabriel Lopes foi um dos líderes dos Graveola e o lixo Polifônico, considerado um dos principais grupos da música independente brasileira. Tem também editado álbuns em nome próprio: a sua música revela a rica tradição da Música Popular Brasileira, adquirindo expressões contemporâneas.

Sábado • 9 Julho • 23:00 — Cabo-Verde

Tcheka

Tcheka é uma figura de proa na música de Cabo Verde. Nascido num lugar recôndito da Ilha de Santiago, criou um estilo único, que testemunha as influências que recebeu à escala global. A sua música flui naturalmente, resistindo a qualquer tentativa de categorização fácil, dadas as referências a diversos géneros.

Eu também vou ao Festival!

No ano do regresso ao ar-livre, voltamos a ter um final de tarde dedicado aos mais novos, com um concerto para famílias que nos fala de uma bonita história de amizade.

Domingo • 10 de Julho • 18h00

Milho por peixe

De **Arantxa Joseph** | Encenação de **Giacomo Scalisi**

Era uma vez Fatú, uma menina que vivia numa aldeia onde se plantava e comia milho — só milho! Levada pelo sonho de um dia poder comer peixe, conhece Kudjo, que vive numa aldeia de pescadores à beira-mar. Fatú e Kudjo tornam-se amigos, descobrindo juntos uma grande riqueza: Fatú tinha o milho, e Kudjo o peixe: a união de ambas as riquezas torna-se na maior riqueza de todas.

Domingo • 10 Julho • 20:30 — França, Portugal, Inglaterra

Jacarandá

Os músicos desta banda conduzem-nos por um itinerário no qual o *Mississippi Blues* se mistura com uma multiplicidade de influências, que vão do *rock* ao psicadélico, passando pela música tribal. Os Jacarandá são: Alban Hall, Gonçalo Zagalo e Philippe Lenzini.

Segunda • 11 Julho • 20:00 — Portugal

Recanto

Os Recanto são um duo (Hugo Osga e Sílvia Isabel) que tem como paixão as melodias antigas, de raiz tradicional. A sua música é uma festa e um convite para uma viagem numa máquina do tempo. Em palco estarão instrumentos como o didgeridoo, os berimbaus europeus, os tambores, as cordas e o canto em português.

Terça • 12 Julho • 20:30 — Cabo-Verde

Lucibela

A música de Lucibela remete para os ambientes clássicos da morna e da coladeira. A cantora nasceu em 1986 na ilha de São Nicolau, mas foi na ilha de São Vicente que a sua voz — de um grave profundo, terminando num suave vibrato — se começou a fazer notar. *Laço umbilical* (2018) foi o seu álbum de estreia.

Quarta • 13 Julho • 20:00 — Portugal

Active Mess

Estas jovens músicas, provenientes da Orquestra Geração, começaram a tocar juntas em 2017. O reportório foi-se alargando, incluindo desde a música cabo-verdiana, até à *world music*, passando pela música erudita. As Active Mess são: Jacqueline Monteiro, Mariana Santos, Edvânia Moreno e Lívia Mendes.

Quinta • 14 Julho • 20:30 — Bielorússia

Katerina L'dokova

Nascida em Minsk, esta cantora e pianista rumou a Portugal em 2006. A sua carreira é fortemente caracterizada pela intersecção entre o *jazz* contemporâneo e a música popular de diversas culturas. *Mova dreva*, o seu disco mais recente, e é cantado na sua língua nativa, estabelecendo uma ponte entre duas culturas.

Sexta • 15 Julho • 20:00 — Itália

La Miseria Deluxe

Eis-nos perante um tango canalha e boémio, que exibe o fulgor afiado dos vidros partidos nas tabernas de marinheiros. Os La Miseria Deluxe propõem-nos um princípio de noite com o aroma intenso do vinho tinto e do bagaço caseiro, na companhia dos músicos Donatello Brida, Marian Yanchyk e Gil Gonçalves.

Sábado • 16 Julho • 20:30 — EUA • Portugal

Thomas Attar & Tó Trips

Neste concerto juntam-se Thomas Attar — um produtor franco-americano aberto ao Mundo — e Tó Trips, o guitarrista português ligado a um dos mais marcantes projectos musicais portugueses: os Dead Combo. Em palco, os dois intérpretes prometem um registo de música crua, aberta, generosa e de espírito nómada.

Sábado • 16 Julho • 23:30 — Portugal

PAUS

PAUS é uma banda criada em 2009, actualmente composta por Fábio Jevelim, Hélio Morais, Joaquim Albergaria e Makoto Yagyu. A banda tem tido lugar de destaque no seu universo, sendo uma presença constante nos festivais de Verão: Optimus Alive, Paredes de Coura, Super Bock Super Rock, entre outros.

Domingo • 17 Julho • 20:00 — Cabo-Verde

Kriol

Nascidos e criados no Mindelo, estes dois músicos de referência juntaram-se para nos trazer a melhor música da sua ilha: desde mazurcas a valsas, passando por Kola San Jon, *coladeras* e batuques. A viagem que nos prometem pela música atlântica porá toda a gente a dançar. Os Kriol são Danilo Lopes e Renato Chantre.

Segunda • 18 Julho • 20:30 e 24:00 — Portugal

Rita Braga

Num concerto de Rita Braga é possível dar a volta ao Mundo, uma vez que esta artista escreve e interpreta canções em inglês, português, finlandês e japonês. Toca *ukulele*, teclas, caixas de ritmo *vintage* e um *banjolele*. O palco transforma-se numa tenda nómada de um circo antigo, como num caleidoscópio.

ALMADA FORUM®

ALMADA FORUM

PALCO
PARA SER FELIZ

230 lojas | 40 restaurantes | cinema 4DX | clínica médica | ginásio

almadaforum.com /AlmadaForum

actos complementares

EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL

O meu nome é cenografia

"Ao longo dos anos dei-me conta de como os campos por onde me movo estão ligados e de como em tudo irradia uma vontade de inventar mundos paralelos. O desenho à mão foi sempre uma constante. Uma obsessão pelo esquiço, pelos blocos, lápis e canetas. A casa inundou-se de cadernos repletos de pequenos mapas imprecisos; esboços de uma gramática particular que anseiam fazer parte de outras histórias e deixarem de ser só meus. O desenho que me ensina a ser, a ler, a mostrar, a organizar as ideias, que são muitas. Sempre o mesmo gesto; donde virá essa vontade? Desde aqueles riscos, qual teia de aranha que a Mila mostrou à Fernanda Lapa (1973), acontecimento que me abriu a porta do teatro, ou dos livrinhos de bonecos que ainda criança encostava contra a vidraça da janela para a malta que na aldeia se sentava na rua a ver. Sem querer ser exaustivo, para esta retrospectiva, mostro em seis partes uma floresta particular, com origem no desenho, onde a toda a hora me perco". (José Manuel Castanheira)

1. Cenografia de 1973 a 1998 2. Cenografia de 1999 a 2022 3. Arquitectura Teatral e Efémera 4. Pintura 5. Desenho 6. Pedagogia, Livros, Cartazes, Design

Escola D. António da Costa • Sala Polivalente • 4 a 18 Julho • das 18:00 às 24:00

INSTALAÇÃO

A nudez do cenógrafo e a perplexidade do espectador

O cenógrafo está sentado no seu observatório tal como a criança no alto da mais velha figueira do quintal. Mas, no teatro, procura um lugar impossível de onde possa ver ao mesmo tempo actor e espectador. É o lugar onde assiste à representação da vida e pressente que uma qualquer metamorfose se aproxima. Entretanto o espectador, inquieto, quer perceber por que razão o actor não é feliz. Invade o pensamento com perguntas sem resposta e confere que afinal se assemelha a ele, perdido entre escombros, dúvidas e mistérios. O cenógrafo, que está fora de campo, deambula pelos seus lugares de *voyeur*, nas fendas das paredes, portas entreabertas, biombos, clarabóias e postigos, recantos esquecidos ou tapumes. Despe a pele dos acontecimentos, nudez que lhe permite vaguear também pelas salas de espera sem ser visto. Entre ruínas almeja recuperar o olhar congelado das estátuas. Mas em todo o lado o ruído das linguagens é insuportável. Sem alternativa, procura o silêncio onde a poesia do mundo sobrevive. Exausto, senta-se na pedra da paciência. E é então que surgem as melhores ideias.

ALMADA

Escola D. António da Costa • Átrio • 4 a 18 Julho • das 18:00 às 24:00

Alter Orbis

De João Tuna

Assim como existem diversos modos de fazer teatro existem diversos modos de fotografar teatro. A cor ou a preto e branco, em palco junto dos actores ou a partir da plateia, quebrando ou respeitando a quarta parede, compondo o "momento" ou não interferindo na cena, utilizando o detalhe ou os planos largos, criando um ponto de vista invulgar, um momento invulgar. Em *Alter Orbis* — um final abrupto para a existência mortal seguida da entrada para "outro mundo" — João Tuna dá a conhecer um conjunto de fotografias feitas a partir da cena, mas já não "fotografia de cena". Um lugar onde o fotógrafo pisa o palco, onde o "gráfico" ganha preponderância, onde a cor é substituída por um preto e branco infravermelho com um preto tão denso quanto o preto do texto.

João Tuna colabora com o Teatro Nacional São João desde 1996. Em conjunto com o Centro de Edições do teatro, produziu um enorme *corpus* de materiais gráficos onde a fotografia é determinante e de que fazem parte programas, cadernos de programação, folhas de sala, cartazes, telões, capas de livros, livros...

Entre 2003 e 2012 o *Manual de Leitura* (programa de sala das produções TNSJ) toma a forma de jornal, e assim são publicadas fotografias de grande dimensão — próximo do formato 30X40 cm — onde a representação da cena é formal. Cor, ponto de vista no eixo do lugar de trabalho do encenador, e o cuidado para que o desenho de luz, cenografia, figurinos, trabalho de actor e a encenação sejam representados de acordo com o conceito dos seus autores. Em 2012, em resultado da necessidade de reformular o conceito dos *Manuais de Leitura*, é adoptado um formato mais pequeno — 16X23 cm aproximadamente —, um objecto próximo do livro tanto no formato como no desenho gráfico, páginas de texto preto interrompidas por uma fotografia. Apercebemo-nos então de que estas fotografias, que vão romper a rotina gráfica do texto, não poderiam ser fotografias de cena "formais": as fotografias devem acompanhar o novo desenho gráfico e aproximarem-se da ideia de "livro". Mas ainda assim "fotografia de cena", quer dizer, "fotografia feita a partir da cena".

Fotógrafo e realizador, **João Tuna** estudou fotografia, cinema e dramaturgia na escola artística António Arroio, na Escola Superior de Teatro e Cinema e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Com os mestres António Mercado e Jean-Pierre Sarrazac aprendeu escrita dramática. Iniciou em 1990 o seu percurso na área da fotografia, dedicando-se em exclusivo ao retrato e à fotografia de cena para teatro ou cinema. Realizou várias curtas-metragens, filmes institucionais e versões-filme de espectáculos de teatro. A sua primeira peça publicada, *Dorme devagar*, estreou em Paris com o título *Dort doucement* (2000). Em 2012 foi distinguido pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro pela sua carreira enquanto fotógrafo de teatro.

ALMADA

Teatro Municipal Joaquim Benite • Galeria de Exposições
5 a 18 Julho • das 12:00 às 21:30

Apoio: Share Foundation

Um lugar para transformar o tempo

Com José Manuel Castanheira

Durante cinco dias de formação para estudantes, profissionais e espectadores de teatro, o cenógrafo José Manuel Castanheira proporciona uma viagem pelos seus processos criativos, que gosta de definir como a invenção de micro-geografias. Vive a Cenografia como labor intenso e pluridisciplinar, onde a cada passo interroga o Mundo e o Homem; partindo sempre da dramaturgia, aspira ser suporte comprometido para diálogos com a encenação e a inteligência do espectador. Em cada uma das suas novas atmosferas, impregnada de poesia, recusa a ilustração para estimular o pensamento e proporcionar, aos actores e encenadores, verdadeiras obras abertas. As suas cenografias são também uma reflexão sobre o lugar do espectador, já que mudar a distância ou o ângulo de visão afecta sempre a sua percepção. Reivindica a criação cenográfica como um laboratório sobre a instabilidade das relações actor-espectador, questão decisiva na evolução da arquitectura teatral. Num mundo em profunda transformação, transporta também para a cena o embate natureza/cultura, facto indissociável da sua experiência de vida errante.

Nestas cinco jornadas propomos uma abordagem prismática do trabalho deste cenógrafo, que ao gesto plástico acrescenta reflexões teóricas e visões poéticas. Professor com larga experiência e crescente inquietação, Castanheira constata nas novas gerações o legado de um mundo velho e cansado. Assim, através da criação, propõe novas possibilidades; no fundo, ideias para imaginar outro tempo.

Segunda • 11 Julho • Um lugar para o espectáculo
Atlas do teatro imaginário e Arquitectura teatral. Teatro, cidade. O espectador esquecido.
Terça • 12 Julho • Laboratório d'A cenografia
Fluxos e fragmentação. Dramaturgia e ferramentas. Tempo de ensaio e espectáculo.
Os limites do corpo.
Quarta • 13 Julho • Manual de sobrevivência de um cenógrafo
Processos criativos. Pintura e cenografia. Histórias, mapas, museus e efemeridade.
Quinta • 14 Julho • Ensinar ou proporcionar
Mundos paralelos. Literatura e Cinema. Maqueta e desenho. Mestres e novo glossário.
Riscos, ética e responsabilidade.
Sexta • 15 Julho • Para onde vai tanto tempo perdido?
Ler o mundo. A luz e o silêncio. Neurociência. O esquecimento. O chão do cenário.
Salas de espera e velocidade.

A inscrição no curso faz-se mediante o envio de CV e carta de motivação para geral@ctalmada.pt e tem um custo de 20€ (10€ para Assinantes do Festival).

ALMADA
Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea
11 a 15 Julho • das 15:00 às 18:00

No âmbito da homenagem que o Festival de Almada presta ao cenógrafo, arquitecto e pintor José Manuel Castanheira, serão lançados dois volumes sobre o seu percurso publicados na Editora Caleidoscópio: a reedição de *Castanheira – Cenografia*, e a primeira edição de *As asas do inventor*, que a investigadora brasileira Doris Rollemberg escreveu a propósito da obra do cenógrafo.

Castanheira – Cenografia

Segunda edição de um livro com mais de 600 páginas, profusamente ilustrado. Uma obra panorâmica deste prestigiado cenógrafo-arquitecto, na qual podemos encontrar uma selecção de centena e meia de criações, produzidas em Portugal e no estrangeiro ao longo de 50 anos. À primeira edição, de 2013, acrescentam-se agora as produções dos últimos 10 anos, em quatro línguas, com o prefácio de personalidades como Marcel Freydefont, João Carneiro, Helena Simões, Liz Perales, José Gabriel Antuñano e Georges Banu.

José Manuel Castanheira (Castelo Branco). Cenógrafo, Arquitecto, doutorado pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa, onde é professor desde 1982. Consagrado internacionalmente, sobretudo após o Centro Pompidou (Paris) lhe dedicar uma retrospectiva (1993), realizou mais de 300 cenografias em Portugal e no estrangeiro, colaborando com mais de uma centena de encenadores, realizadores e coreógrafos. Partindo do teatro, desenvolve uma actividade multifacetada na Cenografia de Exposições e Museologia, na Arquitectura Teatral, na Pintura e no *Design*.

As asas do inventor

de Doris Rollemberg

Neste livro a autora revela que encontra nos livros de Castanheira verdadeiras obras da criação cenográfica, autónomas da cena. A partir dos livros *Desenhar nuvens* e *O tempo das cerejas*, desvenda novas possibilidades para os processos criativos. "A escrita poética do cenógrafo", diz, "surge assim como um diário íntimo, que pode ser visto como autoficção destituída do objetivo concreto da obra para a cena".

Doris Rollemberg (Rio de Janeiro) é cenógrafa, arquitecta, investigadora e professora doutorada na UNIRIO. Foi uma das representantes do seu país na Quadrienal de Praga (2011), onde o Brasil conquistou a Triga de Ouro.

ALMADA
Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea
Sexta • 15 Julho • 17:00

ENCONTROS DA CERCA

Co-organização: *Le Monde diplomatique* – edição portuguesa • Apoio: Temporada Cruzada 2022

Que pode o teatro face ao crescimento das extremas-direitas?

O reforço das extremas-direitas, na sua forma institucional ou em acções de grupúsculos violentos, não cessa de crescer em toda a Europa.

O que tem o teatro a dizer destas transformações?

Nos palcos: quais são as peças que sobem à cena? A que públicos se dirigem e que efeitos produzem?

Na sociedade: será que a voz dos próprios artistas pode ser mais efectiva do que a da representação? E de que forma?

Na presente edição do Festival de Almada, os Encontros da Cerca inscrevem-se no programa da Temporada Cruzada Portugal/França 2022 e debatem este conjunto de questões, no contexto das situações portuguesa e francesa, contando com o contributo de um conjunto de pensadores de ambos os países. A moderação do encontro estará a cargo de Sandra Monteiro, directora da edição portuguesa do jornal *Le Monde diplomatique*.

Participantes

Maria João Brilhante, professora, membro do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Marina da Silva, crítica de teatro nos jornais *Le Monde diplomatique* e *L'Humanité*

Olivier Neveux, professor de História e de Estética do Teatro na Ens de Lyon, redactor-chefe da revista *Théâtre/Public*, autor de *Contre le théâtre politique* (La Fabrique, 2019)

Rui Pina Coelho, dramaturgo, professor, director do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras, e da *Sinais de Cena – revista de estudos de teatro e artes performativas*

ALMADA
Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea
Sábado • 16 Julho • 15:00

COLÓQUIOS NA ESPLANADA

Em colaboração com a Associação Portuguesa de Críticos de Teatro

No ano passado, ainda sem podermos utilizar em pleno a Esplanada da Escola D. António da Costa, os Colóquios na Esplanada já se realizaram neste espaço que tanto caracteriza o Festival. Em 2022 regressamos em pleno à Esplanada — com serviço de bar, e jantar com concerto logo a seguir — para conversarmos, sempre às 18h00, com alguns dos criadores que se apresentam nesta 39.ª edição em Almada.

Participantes

Quarta • 6 Julho • 18:00
Peter Kleinert (encenador de *Noite de Reis*)
Moderação: Maria João Brilhante

Quinta • 7 Julho • 18:00
Rita Calçada Bastos (autora e encenadora de *Se eu fosse Nina*)
Moderação: Maria Quintãs (O texto do espectáculo será lançado nesta sessão)

Sexta • 8 Julho • 18:00
Carlos Avilez (encenador de *Eu sou a minha própria mulher*)
Moderação: Rui Monteiro

Segunda • 11 Julho • 18:00
Marco Martins (autor e encenador de *Selvagem*)
Moderação: Helena Simões

Terça • 12 Julho • 18:00
Jorge Silva (encenador de *Em casa, no zoo*)
Moderação: Eugénia Vasques

Quarta • 13 Julho • 18:00
Dorothée Munyaneza (autora e encenadora de *Mailles*)
Moderação: Emília Costa

Quinta • 14 Julho • 18:00
Pedro Carraca (encenador de *Taco a taco*)
Moderação: Rui Pina Coelho

Sexta • 15 Julho • 18:00
Laida Azkona Goñi e **Txalo Toloza-Fernández** (criadores de *Tierras del Sud*)
Moderação: João Carneiro

Segunda • 18 Julho • 18:00
Nadège Prugnard (autora e encenadora de *Fado dans les veines*)
Moderação: Marina da Silva

ALMADA
Esplanada da Escola D. António da Costa

NOVO
RENAULT ARKANA

Imagem não contratual.
Para E-TECH híbrido 145 - Emissões de CO2 (g/Km): 111/112.
Consumo em consumo misto (L/100Km) : 4,9/5,0.

Caetano Formula

Almada (IC20 Saída Universidade):
Caminho de Possolos,1,
2825-043 Monte da Caparica
Tel.: 212 949 310

Barreiro (Palhais):
Quinta dos Moinhos,
2830-222 Barreiro
Tel.: 211 950 542

Montijo (Oficina):
Rua do Laboratório - Pau
Queimado, Afonseiro 124
2870-833 Montijo, Setúbal
Tel.: 215 815 512

www.caetanoformula.pt

informações

Assinaturas

Geral = 80€ · **Clube de Amigos do TMJB*** = 60€
*Com cartão válido até 18 de Julho de 2022 ou posterior.

A Assinatura do Festival de Almada dá acesso a todos os espectáculos, numa das sessões programadas. O título de Assinatura deverá ser trocado pelos respectivos bilhetes para cada sessão na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite, a partir de 16 de Junho.
As Assinaturas podem ser adquiridas na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite, nas lojas FNAC e em www.ctalmada.pt.

Bilhetes avulsos

Teatro Municipal Joaquim Benite = 17€ (Sala Principal) · 12€ (Sala Experimental)
Escola D. António da Costa (Palco Grande) = 15€
Fórum Municipal Romeu Correia = 12€
Teatro-Estúdio António Assunção = 12€
Incrível Almadense (Salão de Festas) = 12€
Teatro Nacional D. Maria II = entre 9 € e 16€
Centro Cultural de Belém = entre 21€ e 35€

Para informações sobre a compra de bilhetes avulsos nas salas de Almada deverá contactar a bilheteira do TMJB.

Contactos e moradas

TEATROS

Teatro Municipal Joaquim Benite · Av. Prof. Egas Moniz – Almada · Tel.: 212 739 360
Telm.: 91 743 31 20 · geral@ctalmada.pt
Escola D. António da Costa · Av. Prof. Egas Moniz – Almada
Fórum Municipal Romeu Correia · Praça da Liberdade – Almada · Tel.: 212 724 922
Teatro-Estúdio António Assunção · Rua Conde Ferreira – Almada, 5
Incrível Almadense (Salão de Festas) · R. Sociedade Filarmónica Incrível Almadense 8A
Teatro Nacional D. Maria II · Praça D. Pedro IV – Lisboa · Tel.: 800 213 250
Centro Cultural de Belém · Praça do Império – Lisboa · Tel.: 213 612 627

INTERNET

Site · www.ctalmada.pt
Facebook · www.facebook.com/festivaldealmada
Instagram · @festivaldealmada
App do Festival de Almada

play.google.com/store/apps/details?id=app.bravostudio.A01G398PR6K24NQZCXWXGEVG1C4

39.º FESTIVAL de almada

Direcção artística
Rodrigo Francisco

Director financeiro
Carlos Galvão

Directora-adjunta
Teresa Gafeira

Director técnico
Guilherme Frazão

Director de produção
Paulo Mendes

Administração
Susana Fernandes

Secretária da direcção
Ana Patrícia Santos

Imagem do cartaz
Tamara Alves

Exposições
José Manuel Castanheira

Logotipo do Festival de Almada
Pedro Proença

Comunicação e imprensa
Miguel Martins

Edições
Rui Lagartinho

Design gráfico
João Gaspar
Nicole Alves

Fotografia
Luana Santos
Rui Carlos Mateus

Assinaturas e acolhimento
Marco Trindade
Pedro Walter

Website
Jorge Freire

Contabilidade
Sofia Trindade

Traduções e Legendagem
Inês Faria
Isabel José
Joana Cunha Matos
Rita Gonçalves

Equipa técnica
Ami Daisi
André Oliveira
Carlos Janeiro
Daniel Polho
Daniel Barão
José Pedro Manso
Paulo Horta
Paulo Cunha
Paulo Mosqueteiro
Vítor Castelo (estagiário)

Recepções
Rodica Alexe
Teresa Gafeira

Bar
Isabel Galvão

Bilheteira
Sofia Chora
Susana Fernandes

Restaurante
Alice Prazeres
Diana Antunes
Rosângela Vervloet

Estagiárias (equipa de produção)
Maria Cadete
Constança Peyroteo
(Alunas da ESAD.CR do Politécnico de Leiria)

Evento organizado no âmbito da Temporada Portugal-França 2022

DIRECÇÃO: **Rodrigo Francisco**, **Carlos Galvão** e **Teresa Gafeira**
ASSEMBLEIA-GERAL: **Maria Laita** e **Paulo Mendes**
CONSELHO FISCAL: **Guilherme Frazão** e **José Carlos Nascimento**

CLUBE DE AMIGOS

Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes

Produções acolhidas: 50% de desconto e até 30% de desconto para os acompanhantes

Menu Clube de Amigos por 9€ e Menu Almoço por 6,75€ no Restaurante do Teatro

50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada

20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada

Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos

10% de desconto na Farmácia Louro em Almada

Mais do que ver, ajude a fazer.

O Clube de Amigos do TMJB, criado em 1988, é o núcleo de espectadores que apoiam as actividades do Teatro, beneficiando de várias condições especiais. Estamos certos de que podemos contar com o apoio de todos os que consideram a importância da arte e da cultura nas suas vidas.

O cartão anual do Clube de Amigos tem as seguintes modalidades:

Novo membro	
Geral	**47,50€**
Grupo (10 espectadores)	**250€**
Benemérito	mínimo **100€**
Renovação anual	
Geral	**42,50€**
Sénior	**35€**
Jovem	**25€**
Grupo	**250€**

*Até um mês após o limite da validade

Nota: O Cartão de Grupo não dá direito a desconto para acompanhantes nos espectáculos acolhidos, e a sua renovação anual tem de ser efectuada por todos os elementos. Por outro lado, nas produções da CTA este cartão dá desconto de 50% aos acompanhantes do titular, sem limite de espectadores.

TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE